

# Lenda da Idade Média inspira machismo do Sul

LINA DE ALBUQUERQUE

PORTO ALEGRE — Gaúcho continua sendo uma identidade de gênero masculino. A comprovação é da antropóloga Ondina Fachael Leal, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), que apresentou o seu trabalho sobre a constituição do sujeito masculino na cultura gaúcha num simpósio da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC). Após analisar histórias contadas por peões de estâncias tradicionais da região dos pampas, ela defendeu tese na Universidade da Califórnia, Estados Unidos. A lenda folclórica da "Salamanca" serviu de fio condutor do seu estudo.

Salamanca é o nome de um anfíbio fêmea da Espanha medieval que, segundo o folclore gaúcho, teria vindo para o Brasil transformado em uma princesa moura. No Jarau, um dos poucos cerros rochosos na paisagem plana da fronteira com o Uruguai, a figura mitológica se dedicava a seduzir os homens. Somente o herói dessa narrativa foi capaz de perceber a "maldição" da Salamanca. Os peões dos pampas fazem constantemente referências a essa história nas suas conversas nos galpões. A maior parte deles, explica a antropóloga, vive no local do trabalho, separada da mulher e da família. "Na lenda da Salamanca, o herói é aquele que rompe com a mulher", ela chama a atenção.

"Nessa região, a criança nasce enquanto sujeito masculino", prossegue Ondina. Uma prática pós-parto comum, revela, é o enterro do coto umbilical do bebê de sexo masculino longe da casa e do espaço feminino. Se a criança nasce mulher, no entanto, o coto é enterrado no chão da cozinha. O "ritual do umbigo" foi analisado também por uma outra antropóloga da



Gaúcho tradicional: umbigo enterrado

UFRGS, Ceres Gomes victora, durante a SPBC. "O seu objetivo é fixar uma ordem pré-estabelecida de dinâmicas masculinas e femininas", ela diz. "O enterro do umbigo na cozinha expressa o desejo de fazer da menina uma boa-dona de casa", verifica. O deslocamento do umbigo masculino para o campo imprimiria no destino do bebê o valor do "gaúcho macho e guerreiro".

Para Ondina, a mulher aparece no imaginário gaúcho como um ser realizado, pode-

roso e temido. Segundo ela, a identidade masculina não é construída, porém, através do domínio sobre a mulher, até mesmo porque ela está ausente do mundo dos homens. "O gaúcho é definido pelos peões pela força física e capacidade de dominar os animais", sublinha. Gaúcho típico, de botas e bombachas, o compositor Euclides Fagundes Filho, o Bagre Fagundes, reforça a tese. "O homem é a cabeça do casal, a mulher é o pescoço — ele só faz o que ela quiser".